

# PRELEÇÕES SOBRE GRAMÁTICA LATINA<sup>1</sup>

de

Friedrich Nietzsche

(1869-1870)

Tradução: Jeovane Camargo<sup>2</sup>

## Cap. I. Acerca da origem da linguagem<sup>3</sup>

Enigma antigo: entre hindus, gregos, exceto<sup>4</sup> no mais novo tempo. Dizer decididamente como a origem da linguagem não é pensável.

A linguagem nem é consciente obra de um individuo nem de uma maioria. 1. Cada pensar consciente só é possível com a ajuda da linguagem. Completamente impossível um pensar tão perspicaz com meros sons animais: o maravilhoso organismo de sentido profundo. Os mais profundos conhecimentos filosóficos estão já preparados na linguagem. Kant diz: “uma grande parte, talvez a maior parte das operações da razão, consiste na decomposição de conceitos que ele já encontra em si”. Pense-se em sujeito e objeto; o conceito de juízo é abstraído da oração gramatical. De sujeito e predicado vieram as categorias de substância e acidente. 2. O desenvolvimento do pensar consciente é prejudicial à linguagem. Decadência da cultura. A parte formal, na qual precisamente está o valor filosófico, padece. Pense-se na língua francesa: nenhuma declinação mais, nenhum neutro, nenhum passivo, todas as terminações eliminadas, os

---

<sup>1</sup> Vorlesungsaufzeichnungen. (SS 1869 - WS 1869/70); Anhang: Nachschriften von Vorlesungen Nietzsches (1993) (Werke/Nietzsche. Begr. von Giorgio Colli u. Mazzino, Montinari. Weitergef. von Wolfgang Müller-Lauter u. Karl Pestalozzi II2).

<sup>2</sup> Doutorando do Departamento de Filosofia da UFSCar. Email: acasadeasterion@gmail.com

<sup>3</sup> Título original “Vom Ursprung der Sprache”. O termo *Ursprung* é habitualmente traduzido como “origem”. No entanto, para fazer jus à riqueza etimológica do termo alemão, poderia também ser traduzido como “de repente”. No termo *Ursprung* encontramos *Ur-*, que diz o primeiro, o que vai na frente, e *-sprung*, que vem do verbo *springen*, o qual diz o pular, o saltar. Mas *sprung* vem do particípio do verbo *springen*, que é *gesprungen*, o pulado, o saltado. Portanto, *Ursprung* diz mais originariamente o pulado primeiro, o pulado que vai na frente. Ora, mas um pulado que vai na frente é um pulo que já foi, que já se deu. E como o pulo, ou o salto que já foi, o que resta então é tentar acompanhá-lo. Daí minha tradução por “de repente”, termo latino que diz um pular, um saltar de súbito, expressando assim o mesmo sentido do termo alemão. Já o termo *Sprache*, comumente traduzido como língua ou linguagem, vem do verbo *sprechen*, que diz o falar. Nosso termo latino, “língua”, diz o órgão ou membro que trazemos no corpo, não expressando etimologicamente o mesmo sentido de *Sprache*. Por isso poderia ser melhor traduzido apenas por “fala”, termo latino que corresponde ao termo alemão.

<sup>4</sup> A tradução de “*bis auf*” por “exceto” se deve tanto à própria possibilidade da língua alemã, que assim o permite, como ao sentido do texto, atendo-se à diferença entre a linguagem que se dá de maneira inconsciente e a linguagem considerada como tema de uma investigação.

radicais deformados irreconhecíveis. Um elevado desenvolvimento cultural nem ao menos está em condição de preservar da decadência a pronta tradição. 3. Para o trabalho de um indivíduo, ela é demasiado complicada, para o da massa, demasiado uniforme, um organismo inteiro.

Resta, portanto, considerar a linguagem como produto do instinto, como nas abelhas — no formigueiro etc. O instinto, porém, não é resultado de uma reflexão, não é mera consequência de uma organização corporal, não é resultado de um mecanismo que estaria situado no cérebro, não é efeito de algo vindo de fora do espírito, de um mecanismo estranho ao seu ser, senão que execução própria do indivíduo ou da massa, brotado do caráter. O instinto inclusive é uma só coisa com o núcleo mais íntimo de um ser (*eines Wesens*). Esse é o autêntico problema da filosofia, a infinita finalidade (*Zweckmäßigkeit*)<sup>5</sup> dos organismos e a inconsciência em seu surgimento.

Com isso, são rejeitados, portanto, todos os ingênuos pontos de vista anteriores. Entre os gregos, se a linguagem seria θέσει ou φύσει: portanto, se por formação arbitrária, por contrato e acordo, ou se o corpo de sons seria condicionado por conteúdo conceitual. Os novos eruditos, porém, também precisavam desses chavões, por exemplo, o matemático Maupertuis (1698-1759): pacto como fundamento. Primeiro, uma situação sem linguagem, com gestos e sons gritados. A isso, juntaram-se convencionais gestos e sons-gritados. Esse meio pôde se aperfeiçoar até uma linguagem pantomímica de gritos e de cantos. Mas isso foi um fracasso. Entonação correta e uma audição fina não era coisa de qualquer um. Depois se veio então a procurar um novo modo de expressão. Por meio da língua e dos lábios se pôde produzir uma quantidade de articulações. Sentiu-se a vantagem da nova linguagem e com ela se permaneceu.

Entrementes, outras questões emergiram em primeiro plano, se a linguagem poderia ter surgido através da mera força do espírito humano ou se ela seria um imediato dom de Deus. O antigo testamento é o único documento religioso que possui um mito sobre a origem da linguagem, ou algo parecido. Dois pontos principais: Deus e homem falam (*reden*) a mesma língua, não como nos gregos. Deus e homem dão nomes às coisas, que exprimem a relação das coisas com os homens. Portanto, a nomeação dos animais etc., era o problema do mito: a linguagem mesma era pressuposta. — Os povos silenciam sobre a origem da linguagem: eles não podem pensar o mundo, os deuses e os homens sem a mesma.

---

<sup>5</sup> Termo formado por *Zweck*, que diz “fim”, “finalidade”, “propósito”, *-mässig-*, que vem de *mässigen*, verbo que diz o “moderar-se”, “controlar-se”, e *-keit*, sufixo que forma substantivos abstratos.

Aquela pergunta se legitima por uma diminuta intuição histórica e fisiológica. Uma vez, pela comparação das línguas, esclareceu-se que não se prova o surgimento da linguagem a partir da natureza das coisas. A arbitrária doação de nomes já constava no *Crátilo* de Platão: esse ponto de vista pressupõe precisamente uma linguagem antes da linguagem.

Jean Jaques Rousseau acreditava que seria impossível que as línguas pudessem surgir através de meios puramente humanos.

Significativa, no ponto de vista oposto, a obra de De Brosses (1709-1777), a qual se atém em um puro surgimento humano, embora com meios insuficientes. A escolha dos sons depende da natureza das coisas, como, por exemplo, *rude* e *doux*, e pergunta-se: “Esse não é rude e esse outro amável?” Tais palavras, porém, estão infinitamente distantes do surgimento da linguagem: nós temos nos habituado e imaginado que nos sons situa-se algo das coisas.

Próximo disso está significativamente Lord Monboddó. Ele aceita uma atividade reflexiva do espírito (*Geisteshätigkeit*): uma invenção dos homens e, na verdade, que é frequentemente feita. Para isso, ele não precisa de uma linguagem primitiva. Vinte e um anos ele escreveu sobre isso: as dificuldades tornam-se sempre maiores. O surgimento ele atribui aos homens mais sábios. Entretanto, ele precisa de alguma ajuda sobre-humana: os reis-demônios egípcios.

Na Alemanha, a academia de Berlim — há cem anos — realizou um concurso “sobre a origem da linguagem”. Em 1770, o escrito de Herder recebeu o maior mérito. O homem teria nascido para a linguagem. “Assim, a gênese da linguagem é um impulso (*Drängniß*) tão íntimo como o ímpeto (*Drang*) do embrião para o nascimento no momento de seu amadurecimento”. Mas, com seus antecessores, ele partilha da visão de que a linguagem exterioriza sons internalizados. A interjeição, a mãe da linguagem: enquanto que ela, no entanto, é propriamente a negação.

O correto reconhecimento é familiar somente a partir de Kant, o qual, na *Crítica do juízo*, reconheceu a teleologia na natureza ao mesmo tempo como algo efetivo, por outro lado, destacou a maravilhosa antinomia de que algo tenha propósito (*zweckmäßig*) sem uma consciência. Este é o ser (*Wesen*)<sup>6</sup> do instinto.

---

<sup>6</sup> Nietzsche usa *Wesen* em quatro momentos do texto. No segundo, para dizer “o núcleo mais íntimo de um ser (*Wesen*) e, no terceiro, para dizer “o ser (*Wesen*) do instinto”. Uma outra tradução poderia ser “essência”, mas ela não ficaria boa no segundo aparecimento do termo. Por isso mantive a mesma tradução em todos os momentos, visto que se trata de um único termo no original alemão.

Por fim, palavras de Schelling (Abth.II, Bd. I, S. 52); “Visto que sem a linguagem não há apenas nenhuma consciência filosófica, senão que em geral nenhuma consciência humana se poderia pensar, então o fundamento da linguagem não pode ser posto com [a] consciência; e, contudo, quanto mais profundamente nós penetramos na linguagem, tanto mais decididamente se descobre que sua profundidade excede ainda amplamente os produtos mais conscientes dela. Ocorre com a linguagem tal como com os seres orgânicos; nós acreditamos vê-los surgirem cegos e não podemos colocar em dúvida a insondável intencionalidade de sua formação até no mais individual”.